

Colunista

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafraletti@revistalush.com.br -



Foto: Daniel Katz

TOMIE OHTAKE – 100 ANOS

Tomie Ohtake completa em 21 de novembro de 2013 cem anos de vida ainda produzindo suas obras de arte encantadoras que marcaram a arte brasileira do século XX.

Veio do Japão aos 23 anos para visitar um irmão e ficar dois ou três anos mas, enquanto estava aqui, a guerra recrudesciu e ela acabou se radicando em São Paulo. A guerra acabou, mas ela não voltou; casou-se com Oshio Ohtake, engenheiro agrônomo, teve dois filhos- Ruy e Ricardo, importantes arquitetos – e naturalizou-se brasileira. "Brasil tem sol muito claro. Quando saí do navio, olhei para o céu e senti cheiro de amarelo. Ali, gostei do Brasil" diz ela.

Durante a infância em Kioto, Tomie teve contato com a caligrafia oriental, aprendendo a desenhar ideogramas, mas só começou a pintar em 1951, aos 38 anos, tendo aulas com o artista plástico japonês Keisuke Sugano. Com ele Tomie aprendeu técnicas e realizou suas primeiras pinturas. Pintava paisagens da Mooca, bairro onde morava. Mas suas pinturas figurativas logo evoluíram para experiências fauvistas e cubistas e, a seguir, enveredou para o abstracionismo, identificando-se com esta linguagem, sempre fiel ao uso racional da forma e da cor. "Queria pintar o que vinha do coração e não apenas o que via"; "Arte é para ser sentida". ▶



No início ela usava uma gama cromática reduzida, com predomínio de duas ou três cores e explorava as transparências; posteriormente passou a representar retângulos coloridos que se equilibram, vibrando em cores contrastantes.

Dois anos após o encontro com o professor, Tomie participou de uma exposição do Grupo Seibi, importante associação de japoneses da zona sul de

São Paulo, ao lado de Manabu Mabe, Flavio-Shiró, Kaminagai, Tikashi Fukushima, entre outros. Sua participação foi marcante, recebeu do júri Menção Honrosa neste ano e, em anos seguintes, chegou a receber duas medalhas de ouro.

Seis anos após começar a pintar, em 1957, o Museu de Arte Moderna de São Paulo apresentou sua primeira individual; em 1972 suas litografias foram exibidas na Bienal de Veneza, ao lado de nomes consagrados internacionalmente, como os artistas da Pop Arte americana. em 1983 o MASP realizou uma retrospectiva de sua obra. Participou de cinco edições da Bienal de São Paulo, conquistou 28 prêmios, realizou cerca de 50 exposições individuais e 85 coletivas dentro e fora do Brasil. ▶



Composição em Amarelo - óleo sobre tela - 1966 (MASP)



No final dos anos 60 começou a trabalhar com serigrafia e posteriormente executou litografias e gravuras em metal. Este aprendizado teve influencia em suas pinturas, trazendo a estas a linha curva, as formas orgânicas, o movimento e,



Paleta Azul - gravura em metal - 1999



por vezes, a sugestão de paisagens (montanhas, rios sinuosos) e imagens que sugerem nebulosas. Em 1999 ela realizou e expôs uma série de gravuras em metal recortadas e montadas em vidro, numa técnica inédita.

Tomie também se dedicou à escultura e realizou diversas obras públicas, como a "Estrela do Mar", na Lagoa Rodrigo de Freitas (RJ); a escultura "Ondas" em homenagem aos oitenta anos da imigração japonesa, instalada na avenida 23 de Maio (SP); painéis para o Memorial da América Latina e a estação do metrô Consolação (SP); a escultura em concreto de 11m de altura que celebra o centenário de amizade Brasil-Japão no Centro Cultural Portão (Curitiba), entre muitas outras. Nas esculturas mais recentes, trabalha com tubos que desenharam curvas no espaço. "A escultura é uma espécie de desenho no ar", define a artista. ▶



Teatro do Auditório Ibirapuera - Oscar Niemeyer criou a bela arquitetura do teatro e Tomie deu vida ao seu interior.

A artista enfatiza a importância da arte oriental em sua obra, afirmando que "essa influência se verifica na procura da síntese: poucos elementos devem dizer muita coisa".

Em 2001 foi inaugurado em São Paulo o Instituto Tomie Ohtake, idealizado e coordenado por Ricardo Ohtake e projetado por Ruy Ohtake.

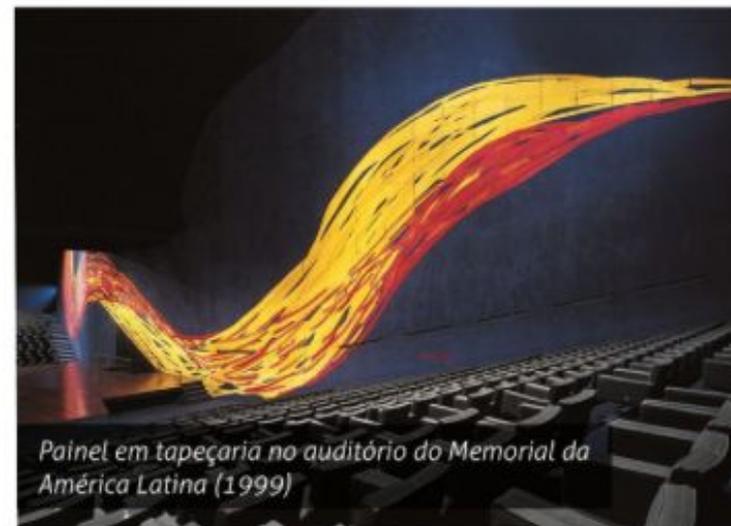
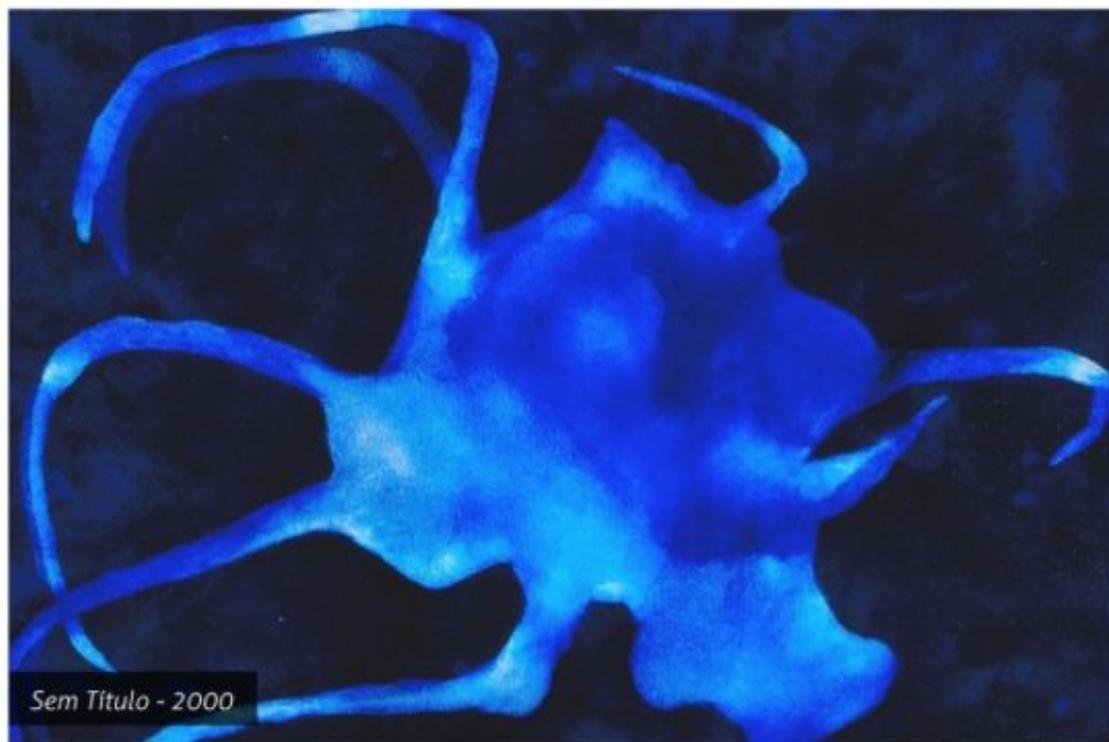
E é ali que estão sendo realizadas as comemorações do centenário da artista.

A primeira das exposições programadas foi aberta dia 7 de fevereiro e vai até 24 de março. "Tomie Ohtake — Correspondências" estabelece relações de aproximação e contraposição entre a sua produção desde 1956 até 2013 e obras de artistas contemporâneos de peso como Mira Schendel, Hercules Barsotti, Alfredo Volpi, Cildo Meireles, Nuno Ramos, Waltercio Caldas, Paulo Pasta e Dudi Maia Rosa. Com curadoria de Agnaldo Farias e Paulo Miyada, a exposição é estruturada em três núcleos, pensados a partir da própria obra de Tomie: cor, gesto e textura. Em cada um deles, Ohtake é vista ao lado de artistas com os quais compartilha algum tipo de raciocínio, seja formal ou conceitual. ▶



Esculturas em tubos de ferro expostas no Instituto Tomie Ohtake

Ao longo do ano, outros eventos marcarão o centenário da artista. No dia 23 de fevereiro, a galeria Nara Roesler abre uma mostra individual de Tomie com esculturas e uma nova série de pinturas (2012-2013) , também com curadoria de Agnaldo Farias. Em agosto, os estudos de Tomie – desenhos, projetos de esculturas, colagens etc – serão tema da próxima mostra, no Instituto. Em novembro, mês em que a artista completa 100 anos, o Instituto inaugura uma grande exposição, "Gesto e Razão Geométrica", com curadoria



de Paulo Herkenhoff e lança um novo livro sobre a obra pública de Tomie. A vida de Tomie e sua obra se confundem; sua capacidade de renovação, delicadeza e coerência a tornam a grande dama das artes plásticas brasileiras. ▲